



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH

ESCOLA DE EDUCAÇÃO - PEDAGOGIA

ISSO É MESMO BULLYING?

DISCENTE: PATRICIA LAVRADOR HOERTEL

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a SANDRA ALBERNAZ MEDEIROS

RIO DE JANEIRO

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH

ESCOLA DE EDUCAÇÃO - PEDAGOGIA

ISSO É MESMO BULLYING?

Monografia elaborada pela acadêmica Patricia Lavrador Hoertel como requisito para a conclusão do Curso de Graduação de Pedagogia da Universidade do Federal do Estado do Rio de Janeiro sob orientação da Professora Dr.^a Sandra Albernaz Medeiros.

RIO DE JANEIRO

2013

DEDICATÓRIA

À minha mãe que participou de todo esse processo junto comigo,
antes mesmo de saber que estava, quando resolvi seguir
seus passos e enfrentar mais uma faculdade.

E durante esses anos de estudo, me incentivando, encorajando,
ajudando e, principalmente, por acreditar, e me fazer acreditar,
que era possível.

Pelo amor incondicional de mãe, pelo apoio
com conselhos nos momentos certos
e pela força nas horas necessárias.

E, sem dúvida, pela incrível sabedoria, experiência e
talento profissional, que me inspiram a cada dia.

À minha avó Lygia (in memoriam) que foi a primeira
a saber da minha decisão de fazer outra faculdade e me apoiou muito,
acreditando em mim desde o início, quando nem eu
achava ser possível conquistar mais esta etapa da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao André por acreditar em mim, desde antes de eu começar e por compartilhar cada momento, com paciência durante minhas ausências e impaciências nas noites de aula, fazendo com que eu ganhasse forças para continuar.

Ao meu pai pelo auxílio indispensável e eficiente, nos momentos mais importantes.

À Julia Fortes, amiga e companheira de faculdade, que foi meu anjo da guarda durante esses anos, ajudando, apoiando e salvando nas horas mais difíceis.

À minha avó Gilda por torcer e me encorajar todos os dias, a não desistir.

Aos meus professores e colaboradores que, cada um à sua maneira, acrescentaram conhecimentos e exemplos para essa etapa e para muitas outras que ainda virão.

Aos demais familiares que mais do que nunca demonstraram o amor e a preocupação.

Aos amigos e colegas de trabalho que fazem parte do aprendizado prático de ser professora, me ensinando o que fazer e o que não fazer dentro e fora da sala de aula

E claro, aos meus alunos que são o verdadeiro motivo de eu ter trilhado mais esse caminho, que me ensinam e me fazem ensinar, que me permitem ver a magia de ser professora.

RESUMO

Este trabalho aborda a violência, que sempre aconteceu na instituição escolar, mas que nos últimos anos vem sendo estudada e divulgada amplamente no Brasil, com a denominação de *bullying*. Para tanto, é apresentado o conceito, a descrição dos comportamentos enquadrados, suas classificações, as causas, as consequências e algumas reflexões a respeito da banalização do termo.

Palavras- chave: *bullying*, violência, banalização.

ABSTRACT

This work deals with the violence, which has always happened in school, but that in recent years has been studied and disseminated widely in Brazil, with the name of bullying. To this end, the concept, the description of the behaviors included, their ratings, the causes, consequences and some thoughts about the trivialization of the word.

SUMÁRIO

Introdução -----	7
Capítulo 1 – O que é <i>bullying</i> ? -----	10
1.1 – Definição e pesquisas -----	10
1.2 – Os personagens do fenômeno -----	12
1.3 – Os tipos de <i>bullying</i> -----	13
1.4 – Causas possíveis -----	16
1.5 – Consequências reais -----	19
1.6 – O final pode ser feliz -----	20
Capítulo 2 – Hoje tudo é <i>bullying</i> -----	22
2.1 – O termo virou moda -----	22
2.2 – Brincadeiras podem ser mesmo brincadeiras -----	24
2.3 – Os dois lados da mídia -----	25
Capítulo 3 - Considerações Finais -----	27
Referências Bibliográficas -----	30

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um fenômeno de violência social e moral, de forma repetida e intencional, e acomete cada vez mais indivíduos em todo o mundo. Cléo Fante (2005) afirma que "É uma das formas de violência que mais cresce no mundo".

As pesquisas realizadas pela ABRAPIA, no Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes e as publicações internacionais sobre *Bullying* comprovam os efeitos nefastos desse fenômeno na vida de crianças e de jovens. Há dois tipos de comportamentos violentos: as ações diretas — físicas e verbais — e as ações indiretas — invenção de histórias, discriminação ou exclusão do grupo. E há três tipos de envolvidos: os alunos-autores, alunos-alvo e alunos-testemunhas.

Por intermédio das fundamentações teóricas dos autores Fantin, Martins, Lopes Neto, Chalita, Barbosa Silva, Morin entre outros, foi possível reunir as informações mais importantes para o desenvolvimento deste trabalho, que pretende analisar o *bullying* no ambiente escolar brasileiro.

O estudo mostra-se necessário, considerando que o *bullying* é um problema cada vez mais presente no ambiente escolar, refletindo a sociedade em que vivemos. Sociedade esta desigual e violenta, onde vivenciamos situações graves a todo momento nos mais diversos cenários do nosso país.

Sposito (2001), pesquisando sobre a violência escolar no Brasil, identificou dificuldades na aferição da magnitude do fenômeno, em razão de poucas iniciativas na coleta de informações, faltando consistência no monitoramento e registro das ocorrências. Diversos estudos têm identificado um crescimento na violência escolar nas últimas décadas, destacando-se ocorrências como depredação de patrimônio, furtos, roubos, agressões físicas e verbais entre estudantes, assim como agressões destes últimos contra professores.

A partir da década de 1990, tem sido descrito o aumento da violência interpessoal entre estudantes expressa, principalmente, em agressões verbais e ameaças, persistindo a depredação de patrimônio como uma transgressão frequente. Segundo Martins (2005), vários são os conceitos existentes que

envolvem a violência na escola, além dos citados, tais como conduta antissocial, distúrbio de conduta e *bullying*.

Os estudos e as preocupações com o *bullying* são recentes e datam da década de 1990, quando começaram a existir pesquisas e publicações pelo mundo, inclusive no Brasil. E esse tema passou a ser foco de discussões tanto na área de educação como de saúde.

“Alguns autores dissertam também a respeito de suas causas, que incluem, além de fatores econômicos, sociais e culturais, os relacionados ao temperamento do indivíduo, às influências familiares, de colegas, da escola e da comunidade (Lopes Neto, 2005), às relações de desigualdade e de poder, tidas como naturais por Smith (2002), a uma relação negativa com os pais e um clima emocional frio em casa, e às relações de poder existentes no ambiente escolar” (Yoneyama & Naito, 2003 APUD Antunes e Zuin, 2008).

Este trabalho tem como objetivos também levantar dados das situações de *bullying* que chegaram à mídia; levantar as causas e consequências das diversas modalidades deste fenômeno no meio escolar, identificar e compreender o papel de cada um nesse cenário e suas devidas responsabilidades; analisar criticamente o exagero do uso da palavra *bullying* para tudo que acontece entre alunos dentro da escola; propor a reflexão/ação sobre o papel dos educadores nas relações interpessoais estabelecidas nas instituições escolares problematizando os efeitos de violência simbólica ou concreta verificados no cotidiano; e ainda traçar algumas diferenças essenciais entre agressividade e violência.

É fundamental mencionar que há uma enorme diferença entre violência e agressividade, as quais, às vezes, parecem se confundir. Jurandir Freire Costa, em seu livro “Violência e Psicanálise”, propõe a seguinte diferenciação entre agressividade e violência. A violência é “[...] o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos” (2003, p. 39). A agressividade é apenas um instrumento de um desejo de destruição. Apesar de fazer parte da constituição da violência, a agressividade não é o único fator responsável pelos atos violentos. O autor complementa essa definição explicando que a violência animal ocorre devido a uma necessidade, e a realizada pelos humanos é regida pelo desejo. Para Costa, a ação agressiva ganha significado de ação violenta a partir da percepção do sujeito que sofreu a violência ou de algum

observador externo de que o sujeito autor da violência possui o desejo de destruição.

Dessa forma, confundir agressividade com violência acarreta a banalização dessa última e atrapalha a compreensão de uma perspectiva em relação à agressividade, que pressupõe ir adiante, estruturar-se.

Tratar da questão do *bullying* é refletir sobre as relações destrutivas, através da violência, dentro da escola. Além de, paradoxalmente, compreender que existe a brincadeira entre colegas e que a agressividade é fundamental para que o indivíduo aprenda a se defender a se impor e assim amadurecer. Essa foi uma importante motivação para este trabalho uma vez que no deslocamento de papel de aluna para o de professora pude compreender diversos aspectos tanto do exagero de que agora tudo é *bullying* quanto de algumas ações pouco construtivas nas relações entre colegas.

No primeiro capítulo, expõem-se as definições e a importância do estudo, incluindo o papel de cada personagem deste fenômeno e suas diversas modalidades. Ainda nesta etapa ressaltam-se as causas e consequências do *bullying*.

No segundo capítulo, é levantado um questionamento sobre o exagero no uso do termo *bullying* e ainda a preocupação para que o tema não seja banalizado. Também, mostra-se a importância de discutir a influência da mídia tanto para fazer o termo “virar moda” como para denunciar o fenômeno.

O terceiro capítulo trata do papel dos educadores frente a esta questão, como mais um desafio de transformação e construção de possibilidades de identificar e enfrentar o *bullying*, principalmente através da prevenção.

CAPÍTULO 1 –O QUE É *BULLYING*?

1.1 – Definição e pesquisas

O *Bullying* é uma palavra de origem inglesa de denominação internacional e tem como definição mais frequentemente usada de ser qualquer tipo de abuso contínuo, físico ou verbal, com a intenção de ferir, onde existe um desequilíbrio de poder entre o *bully* e a vítima. (SILVA, 2012)

A ABRAPIA caracteriza o *bullying* como um fenômeno frequente que identifica as formas de comportamentos agressivos entre indivíduos de iguais condições com atos repetitivos de opressão, tirania, agressão e dominação de pessoas ou grupos sobre outras pessoas ou grupos, subjugados pela força dos primeiros.

Dan Olweus, norueguês que estuda o fenômeno desde a década de 1970 diz: “Defino *bullying* ou vitimização da seguinte forma geral: Um estudante está sofrendo *bullying* ou sendo vitimizado quando é exposto, repetidamente e durante um tempo, a ações negativas de um ou mais estudantes.”

Para Ana Beatriz Barbosa Silva, psiquiatra e diretora das clínicas Medicina do Comportamento no Rio de Janeiro e em São Paulo, o termo *bullying* “abrange todos os atos de violência (física ou não) que ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos, impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas”. (2010, pág. 13)

“Por definição, *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.” (NETO, SAAVEDRA, 2003, pág.17)

Podemos perceber por essas citações que não há muita diferença na definição do que é o *bullying*, mas há muito que se discutir, preocupar e agir.

Segundo pesquisa realizada pela ONG Plan Brasil e divulgada pelo jornal online Zero Hora: "Ao menos 28% dos estudantes brasileiros entre as 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental já sofreram maus-tratos, 1.477 dos 5.168 estudantes entrevistados sofreram algum tipo de agressão em 2009." e "A sala de aula é apontado como o local preferencial das agressões, onde acontecem cerca de 50% dos casos." (Abril, 2011)

Diante dessas evidências torna-se claro a urgência de ações, principalmente dentro da escola, em que segundo os próprios alunos ocorre grande parte dos casos e que como nos mostra os números atinge uma grande parte dos estudantes.

"Em geral, tomamos aquilo que somos como a norma e por meio dela descrevemos, avaliamos e discriminamos. A discriminação leva à intolerância frente ao diferente. O outro pode ser segregado, excluído ou desrespeitado. A diferença que é ressaltada acaba muitas vezes por justificar agressões e desrespeito. Em outros casos, a violência é explicada por se sentirem vítimas de uma injustiça (de acusações que consideram falsas) e pela imposição de uma disciplina que não aceitam." (SALLES, SILVA, CASTRO, VILLANUEVA, BILBAO, 2011)

Segundo dados do Inquérito Viva – Vigilância de Violências e Acidentes – realizado pelo Ministério da Saúde nos anos de 2006 e 2007, a violência entre jovens é a maior causa de mortalidade nesta faixa, e os locais mais frequentes de ocorrência apontados no ano de 2007 foram a via pública, a residência e a escola. (MALTA, 2009)

Por esses fatores foi sancionada uma lei estadual em 23 de setembro de 2010, no Rio de Janeiro, obrigando escolas públicas e privadas a notificarem casos de *bullying* à polícia. Caso a lei seja descumprida, a multa pode chegar a 20 salários mínimos.

E em fevereiro de 2011 foi apresentado no Congresso Nacional um projeto de Lei em combate ao *Bullying*. O projeto prevê a criação do **Programa de Combate ao *Bullying* Escolar** com o objetivo de combater e prevenir a prática dos atos de violência causados pelo *bullying*.

Uma pesquisa realizada em 2010 pelo IBGE com 5.168 alunos de 25 escolas públicas e particulares revelou que os alunos de 6º e 7º anos são os mais atingidos pelas humilhações do *bullying*. Desses, 17% estão envolvidos de alguma forma sendo os agressores, ou agredidos, ou ambos. A partir de e-mails ofensivos e difamação em sites de relacionamento como Orkut e Twitter, o uso de tecnologias de informação e comunicação estão se tornando a forma mais comum de *bullying* chamado de *cyberbullying*, (CAMARGO, 2011) sobre o qual iremos tratar mais adiante.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), no Relatório Mundial sobre Saúde e Violência, elaborado em Genebra no ano de 2002, passou a

considerar a violência uma grave questão de saúde pública, que se caracteriza por sua ênfase em prevenção. De acordo com Dahlberg e Krug, a prevenção da violência, segundo o enfoque da saúde pública, começa com uma descrição das proporções e do impacto do problema. Não há um fator único que explique por que alguns indivíduos se comportam violentamente com outros ou por que a violência é mais comum em algumas comunidades do que em outras, incluindo as escolas. A violência é o resultado da complexa interação dos fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais. Compreender como esses fatores estão relacionados com a violência é um dos passos importantes na abordagem da saúde pública para a prevenção da violência.

Dentro das escolas para trabalhar a prevenção do *bullying* é preciso também compreender os fatores que estão relacionados a ele e conhecer seus envolvidos, para que se criem mecanismos de redução desse fenômeno.

1.2 – Os personagens do fenômeno

No contexto do *bullying* os alunos aparecem em diversos papéis, inicialmente eram vistos só como vítimas, agressores e espectadores, mas com o aprofundamento das pesquisas sobre o tema, verificou-se que tem outros personagens neste enredo.

Assim como vimos nas definições do termo, vão haver diferenças entre os autores ao denominar estes personagens. As categorizações da ABRAPIA e da psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva serão as aqui utilizadas.

As vítimas ou alunos-alvo são aqueles que sofrem o *bullying*, impotentes para se defender diante do agressor, geralmente são alunos mais frágeis fisicamente e/ou com pouca habilidade de socialização, algumas vezes mais jovens ou com alguma característica que se destaca da maioria dos alunos. Essa categoria se divide em: vítima típica – são alunos mais inseguros, com dificuldade de se expressar e que ficam submissos aos agressores; vítima provocadora – são aqueles alunos que provocam reações agressivas dos colegas contra si mesmas e que discutem ou brigam quando são atacados. E vítima agressora ou alvo-autores – são aqueles alunos que ora sofrem e ora praticam *bullying*. Geralmente procura outra vítima mais vulnerável para fazer o mesmo que algum agressor fez contra ele.

Os agressores ou autores são os alunos que praticam o *bullying*, geralmente tem traços de desrespeito e maldade em sua personalidade, além de um poder de liderança. A maioria se sente bem por estar praticando tal ato e não se culpa pelo ocorrido.

E os espectadores ou testemunhas são os alunos que não sofrem nem praticam *bullying*, mas testemunham as ações dos agressores, convivendo com isso sem tomar atitude. Podem ser divididos em: passivos – os que têm medo de se tornar alvo e têm medo de buscar ajuda de adultos; os ativos – que não participam ativamente, mas apoiam os agressores, reforçando as atitudes dos colegas; e os neutros – são os que não interferem, são omissos, muitas vezes por não saber como ajudar ou por sentirem-se desobrigados a ajudar as vítimas, às vezes, por conviverem diariamente num contexto em que a violência está presente, ficam “anestesiados” e não se sensibilizam com as vítimas.

Dan Olweus (apud SILVA, 2010, p.47) ressalta que “pais e professores devem estar atentos a vários aspectos comportamentais dos alunos, considerando os possíveis papéis que cada um deles pode desempenhar em uma situação de *bullying* escolar.”

É através da identificação dos personagens deste fenômeno que será possível pensar e elaborar projetos educativos eficazes para a redução da incidência de *bullying*, prevenindo e debelando tal violência na escola.

1.3 – Os tipos de *bullying*

Nos estudos sobre *bullying*, os tipos mais encontrados são:

Físico - O *bullying* físico é aquele que, como diz o nome, traz danos físicos para a vítima. O *bully*, ou agressor, bate, puxa o cabelo, belisca, morde, prende a pessoa em algum lugar ou realiza algum outro ato violento por um pequeno motivo ou sem motivo algum. Como qualquer outro tipo de *bullying*, ele pode começar na educação infantil e ir até o ensino médio, piorando no decorrer dos anos, pois o agressor adquire mais malícia e mais força.

Verbal - É o tipo mais comum e mais difícil de ser identificado, pela facilidade com que as pessoas dizem coisas impensadas. São as famosas piadinhas, gozações, apelidos, ameaças e fofocas. A diferença entre este tipo de *bullying* e a mera brincadeira é que na brincadeira todos se divertem com a

piada, e no *bullying*, o alvo da piada sofre. Destaca-se que o sofrimento pela palavra pode doer mais do que qualquer soco.

Material - É o ato de esconder, sujar, rasgar, estragar, jogar em algum local inacessível, riscar ou danificar os pertences da vítima. Lembrando que o *bully* quer sempre mostrar a sua força, e destruir os bens alheios é uma forma de intimidação usada para tal.

Moral ou Sentimental - Este tipo é parecido com o verbal, mas as principais diferenças são que, neste, não existem as provocações, somente os apelidos, e são coisas que atacam diretamente o lado emocional da vítima, podendo fazer com que ela se afaste do convívio normal com as pessoas e enfrente sérios distúrbios, como bulimia, anorexia, mutilação, entre outros.

O assédio moral também ficou conhecido como *mobbing*, onde ocorre abuso de poder nos ambientes de trabalho, no Brasil geralmente se revelam pelo terror ou pressão psicológica, a fim de desqualificar e desrespeitar as reais capacidades do trabalhador de forma intencional. (SILVA, 2010)

Psicológico - É uma variação do verbal ou moral. Pode fazer com que a pessoa sempre pareça culpada, e o *bully* faz coisas para culpar e prejudicar a vítima, o que pode acarretar problemas mais sérios, como depressão ou mania de perseguição.

Sexual - Este é mais comum quando acontece com meninas. Os principais focos do agressor são as meninas que se desenvolvem mais rápido ou que são muito atraentes. Um caso muito comum é quando a vítima está alcoolizada ou, de alguma forma, indefesa.

Virtual ou Cyberbullying - É uma extensão dos outros tipos, mas virtualmente, o que pode ser feito através de um perfil anônimo, ou não identificável. Pode ser uma ameaça, zombaria direta com a vítima, fofoca entre um grupo de pessoas para excluir a pessoa ou alguma armação para um posterior tipo de *bullying* que ocorrerá pessoalmente.

Por ser o mais recente e um dos mais recorrentes devido à tecnologia presente no cotidiano das pessoas atualmente, o *cyberbullying* vai ter um destaque neste trabalho.

O *Cyberbullying* é uma nova forma de *bullying*, que tem sido observada com uma frequência cada vez maior no mundo. Segundo Bill Belsey, trata-se do uso da tecnologia da informação e comunicação (e-mails, telefones

celulares, mensagens por pagers ou celulares, fotos digitais, sites pessoais difamatórios, ações difamatórias online) como recurso para a adoção de comportamentos deliberados, repetidos e hostis, de um indivíduo ou grupo, que pretende causar danos a outro(s). (NETO, 2005)

Além destes principais, um tipo de *bullying* que vem ganhando espaço e já passa a receber uma denominação específica é o *bullying* homofóbico. “O termo tem sido utilizado para nomear especificamente a violência sofrida por algumas (os) gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.” (DINIS, 2011)

Existem ainda casos de *bullying* de alunos contra professores e de professores contra alunos, que podem se enquadrar dentro de qualquer um desses tipos acima mencionados, mas o mais recorrente é o assédio moral. Quando os professores são as vítimas, acabam sem saída, temem procurar os superiores e serem mal interpretados e se recorrem aos alunos reforçam sua fragilidade. Há ainda casos em que o assédio moral se dá por meio dos colegas e superiores. Mas, a pior das situações é quando o aluno é vitimizado pelo professor, quem deveria fazer o papel inverso, de educá-lo e protegê-lo. (SILVA, 2010)

Por fim, venho destacar o trote universitário, que ainda não é considerado *bullying* em si, mas tem sido analisado como possibilidade de se enquadrar como tal, uma vez que há agressão, violência e constrangimento.

Percebe-se que existem elementos compatíveis entre as agressões do trote e os requisitos para a configuração do *bullying* estipulados pelo Projeto de Lei, nº 350 de 2007119, como a presença do agente agressor e da vítima e a relação de hierarquia entre ambas, possuindo os alunos veteranos superioridade sobre os demais estudantes, calouros, vítimas das violências realizadas por todo um grupo. Estão presentes o desequilíbrio de poder e a imensa dificuldade que as vítimas encontram em reagir, seja por medo de receber mais agressões das mesmas e estas se perpetuarem durante toda a faculdade ou por medo de ser excluído do grupo. (...) O objetivo dessas agressões, tanto no *bullying* como no trote, é intimidar, humilhar e subjugar as vítimas em

geral, estabelecendo a desigualdade hierárquica e impondo limites e obrigações às vítimas, como o que podem ou não fazer e o que são obrigadas a realizar, na maior parte das vezes, em benefício de seus agressores. Mais comum no trote, as agressões podem também não ter outro objetivo que se não a própria agressão, violência por violência somente, sem a finalidade específica ou benefício a alguma das partes.

Por ser um ato isolado não se configura como *bullying*, a não repetição, fato determinante do fenômeno descaracteriza o trote, mas é preciso estar atento se o que ocorre durante o trote não desencadeia outras atitudes que possam ser caracterizadas como *bullying*, como no caso de apelidos pejorativos e intimidações ou humilhações públicas de determinados alunos. Assim como casos de trotes violentos com morte, como o destacado por Ana Beatriz Barbosa Silva (2010), em 1999 na USP, em que um calouro de medicina foi encontrado morto numa piscina.

O trote universitário é considerado um rito de passagem esperado pelo calouro. Hoje em dia é encarado como uma prática inadequada e combatida, geradora de constrangimento e violência, em muitos casos e que vem sendo substituído pelo “trote solidário”.

1.4 – Causas possíveis

Não existem causas determinadas para a ocorrência de *bullying*, nem verdades absolutas sobre o assunto, mas muitos estudiosos levantam hipóteses para a grande quantidade de casos de violência nas escolas atualmente. É fato que a violência e o *bullying* existem na escola, desde que a escola existe, mesmo que não recebessem tal denominação.

As consequências deste fenômeno são levantadas e discutidas por todos, principalmente por psicólogos e psiquiatras que recebem os alunos vitimados que necessitam de tratamento. Falaremos disso adiante. O que proponho refletir são algumas causas possíveis para tentar explicar o surgimento de tantos casos violentos que são vistos atualmente nas escolas do Brasil e do mundo.

Conforme destaca Gabriel Chalita em seu livro: *Pedagogia da Amizade* (2008), algumas causas que propiciam o cometimento da conduta dos *bullies*, são:

- Influências familiares, por adotarem modelos autoritários e repressores.
- Um ambiente familiar superprotetor também pode desencadear o cometimento do *bullying*, visto que a criança se tornará dependente de outros, buscando a atenção e aprovação de suas atitudes pelos pais.
- Relação negativa com os pais, uma vez que os mesmos não demonstram interesse pelo filho.
- A má educação a que foram submetidos.
- Fatores econômicos, sociais e culturais.
- Influência de colegas.
- As relações de desigualdade e de poder existentes no ambiente escolar.

Podemos perceber que das sete causas destacadas por Chalita, quatro delas se referem à família e à educação dada por esta. O que não é de se estranhar, mas sim de analisar esta relevância. Na sociedade em que vivemos a maioria dos pais tem pouco tempo com seus filhos, devido à vida profissional, o que muitas vezes é compensado com permissividade, como nos destaca Silva (2010) quando diz que a omissão educacional dos pais que produz conflitos familiares, em circunstâncias que envolvem comportamentos transgressores, o desrespeito às regras e aos limites estabelecidos. Essa renúncia resulta em filhos egocêntricos, sem qualquer noção de limites, e muitos deles não se preocupam com as regras sociais.

Outros autores destacam também essa questão, como é o caso de Nelson Pedro Silva (2004) quando nos diz que uma das razões para a indisciplina está relacionada diminuição dada a certos valores morais, principalmente a partir da década de 1960. Ele cita Rouanet (1987) que diz que esse processo se deve a uma leitura extremamente equivocada do movimento de contracultura norte-americana, que pretendia reinventar a vida a partir do festival de Woodstock, substituindo todos os valores morais ligados à tradição ou que pudessem significar algum tipo de repressão pelo famoso Paz & Amor, como seus eixos centrais. O autor diz que essa proposta foi mal interpretada, e excluíram qualquer valor moral existente, por determinarem limites. A consequência disso foram pais por todo o mundo educando filhos sem a regra

dos limites, o que gerou crianças e jovens sem saber o que desejar, sem condições de lidar com o outro e respeitá-lo. Uma vez que não construíram valores que possibilitassem o bom convívio, gerando assim a violência.

Segundo Fante (2008), no que diz respeito aos exemplos que os adultos têm oferecido às crianças e o modo como relacionam entre si. Não podemos nos esquecer de que a imitação é o método mais antigo, sendo utilizado pelas gerações ao longo do tempo. As crianças imitam os adultos e reproduzem em suas relações sociais as aprendizagens adquiridas, sejam positivas ou negativas.

Segundo Formiga e Gouveia (2003), uma conduta antissocial refere-se à não conscientização das normas que devem ser respeitadas. Neste sentido, este tipo de conduta caracteriza-se pelo fato de transgredirem as regras, sem que causem necessariamente danos físicos às outras pessoas. Elas dizem respeito apenas às travessuras dos jovens ou simplesmente à busca de romper com algumas leis sociais. Mas, quando elas não são inibidas existe grande possibilidade de que se converta numa conduta delitiva, que podem ser concebidas como merecedoras de punição, capazes de causar danos graves, morais e/ou físicos. (Apud FORMIGA, GOUVEIA, 2005)

É neste momento que o papel dos pais se mostra fundamental para ensinar os valores morais e os limites a seus filhos.

"Os autores (Patterson et al., 1992) comentam que o desenvolvimento do comportamento antissocial é marcado por uma sequência mais ou menos previsível de experiências: (1) as práticas educativas ineficientes dos pais são vistas como determinantes do problema de comportamento na criança; (2) na idade escolar, essa conduta comportamental infantil leva ao fracasso acadêmico (desobediência e falta de autocontrole pela criança obstruem diretamente o aprendizado) e à rejeição pelos colegas (provocada por comportamento agressivo e coercivo); (3) esses últimos levam, por sua vez, ao aumento no risco de depressão e ao envolvimento com grupos de "rejeitados". Estudos indicam, ainda, que as crianças que seguem esta sequência de desenvolvimento, se não tratadas, têm alta probabilidade de apresentar comportamento delinquente crônico, já que as ações da criança antissocial produzem um conjunto de reações do ambiente social que causam interrupção no processo da socialização infantil (Marinho & Caballo, 2001; Patterson et al., 1992)." (apud MARINHO, CABALLO, 2002)

Os aspectos sociais e econômicos também são fatores que influenciam a ocorrência de *bullying*, de acordo com Nelson Pedro Silva (2004) o fim da ditadura e a redemocratização do país fez com que, ao contrário do esperado, imperasse a cultura da imagem, do individualismo, do consumo desenfreado e do hedonismo.

A influência dos amigos e principalmente de um grupo é outro ponto relevante neste caso, causa levantada por Chalita e que Silva confirma.

“A violência é o resultado da complexa interação dos fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais.” (Dahlberh, Krug,)

1.5 – Consequências

A ABRAPIA — Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência — explicitou o fenômeno *Bullying*, conhecido e possivelmente vivido por inúmeras pessoas, com a intenção de pesquisar, divulgar, intervir, prevenir e reduzir a sua ocorrência. A intenção primeira é que todas as crianças e adolescentes tenham a garantia do direito ao acesso universal à educação em ambientes seguros e saudáveis em que haja solidariedade e respeito às individualidades.

Alguns casos mais graves advêm do *bullying*, como o que foi alegado no episódio do Massacre de Realengo, fato ocorrido em Abril de 2011 no Rio de Janeiro, em que um ex-aluno invadiu a escola armado, matando 12 alunos.

Segundo notícia da Revista Veja online (15/04/2011),

"vídeos mostram o autor do massacre na escola municipal Tasso da Silveira, em Realengo, fazendo mais referências a humilhações e agressões sofridas na escola e dando detalhes do plano que viria a executar dias depois. As mensagens, cuidadosamente preparadas – talvez até ensaiadas – deixam evidente a perturbação mental do assassino, que fala de “proteger os fracos” ao mesmo tempo em que avisa que mataria inocentes. Em uma das mensagens, em tom quase professoral, Wellington Menezes de Oliveira, ainda barbado, faz um ‘alerta’ dirigido às autoridades. “Que o ocorrido sirva de lição para as autoridades escolares. Para que descruzem os braços para as situações em que alunos são agredidos, humilhados”, diz, demonstrando raiva enquanto segura a câmera.”

Como esta, outras situações já foram vistas e vividas em muitos lugares do mundo, e por mais que não se tenha prova de que o motivo do massacre tenha sido o *bullying* sofrido pelo assassino, fica evidente e em destaque a

importância de se estar atento a este fenômeno que ocorre nos ambientes escolares.

De acordo com José Augusto Pedra, presidente do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar, o fenômeno é uma epidemia psicossocial e pode ter consequências graves. As humilhações sofridas por crianças e adolescentes podem gerar queda do rendimento escolar, somatização do sofrimento em doenças psicossomáticas e sofrimento de algum trauma que influencie traços da personalidade. Quem sofre *bullying* é afetado emocional e fisicamente, e o que pode parecer um simples apelido inofensivo, muitas vezes não é. "Se observa também uma mudança de comportamento. As vítimas ficam isoladas, se tornam agressivas e reclamam de alguma dor física justamente na hora de ir para escola", detalha José Pedra. (BARROS, 2008)

Pereira (2002, p.25) apresenta resumidamente, as consequências do *bullying* para as vítimas e agressores:

Consequências para a(s) Vítima(s): vidas infelizes, destruídas, sempre sob a sombra do medo; perda de autoconfiança e confiança nos outros, falta de autoestima e autoconceito negativo e depreciativo; vadiagem; falta de concentração; morte (muitas vezes suicídio ou vítima de homicídio); dificuldades de ajustamento na adolescência e vida adulta, nomeadamente problemas nas relações íntimas.

Consequências para o(s) agressor(es): vidas destruídas; crença na força para a solução dos problemas; dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advém, compreendendo as dificuldades na inserção social; problemas de relacionamento afetivo e social; incapacidade ou dificuldade de autocontrole e comportamentos antissociais

Muitos autores concordam em dizer que todos os envolvidos sofrem as consequências do *bullying*, tanto agressores, como vítimas e também as testemunhas. Devido a essas consequências o fenômeno passou a ser caso de saúde pública, já dito anteriormente.

1.7 – O final pode ser feliz

Muitas personalidades reconhecidas mundialmente por seu indiscutível talento relatam ter sido vítimas de *bullying* na sua vida estudantil, mas

superaram traumas e dificuldades com seu desejo obstinado de ver o mundo por outro ângulo e tiveram a capacidade de desenvolver a resiliência, esquecendo o passado e se orgulhando da sua existência. (SILVA, 2010)

Segundo a SOBRARE — Sociedade Brasileira de Resiliência —, a resiliência, é a competência desenvolvida a partir de crenças e valores que estruturam o comportamento para superação. Os resilientes enfrentam situações adversas com habilidade de enxergar, compreender e tomar decisões apropriadas com objetivo de superar e vencer obstáculos em diferentes áreas da vida.

Por esses e outros exemplos sabemos que nem todos os casos de pessoas que sofreram *bullying* tem um fim trágico, é possível reverter a situação e ir em busca do sonho, mesmo que seja esquecer o passado e se orgulhar da sua existência, seja ela qual for. Quando o indivíduo consegue superar o papel de vítima e seguir em frente, é um final feliz, um caso de sucesso a ser relatado. Os resilientes têm muito mais chances de superar e dar a volta por cima, uma vez que incansavelmente buscam adaptações e ressignificações para a vida seguir adiante.

É preciso salientar que os que estão em volta, principalmente a família e a escola, serão essenciais para que essa conquista seja possível.

CAPÍTULO 2 –HOJE TUDO É *BULLYING*

2.1 – O termo virou moda

É cada vez mais comum escutarmos sobre *bullying*, a cada caso noticiado, milhões de outros vêm à tona, inclusive de celebridades relatando que já foram vítimas. É claro que o *bullying* existe e deve ser tratado com a seriedade e gravidade necessária, mas é importante levantar a questão do modismo e da banalização que vem a reboque. Qualquer conversa entre amigos ouve-se alguém dizer “Isto é *bullying*”, alunos e pais chegam todos os dias nas escolas reclamando que a criança ou o jovem está sofrendo *bullying*, consultórios estão cheios de pacientes querendo tratar do *bullying* que sofrem ou sofreram. É preciso muita cautela e responsabilidade para lidar com esse *boom* de casos, o termo está sendo mal empregado e as situações reais, acabam se prejudicando com isso.

“Há um certo exagero da mídia sim. Ficou bonito falar de bullying. As pessoas aprenderam o que é essa violência e, aproveitando que a questão chama muita a atenção, a imprensa acaba taxando tudo de bullying. Isso é muito ruim, porque, entre outras coisas, prejudica o diagnóstico dessa agressão” (MALUF apud NADAI)

A reportagem, da revista Claudia, o jornalista Paulo Camargo ressalta que de tão repetido e debatido nos últimos tempos, o termo ganhou tamanha popularidade que virou rótulo para qualquer situação de conflito no ambiente escolar, até para os pequenos desentendimentos aparentemente normais ou aquelas piadinhas sarcásticas sempre trocadas por adolescentes. Para o bem da garotada, esse não é o melhor dos cenários, alertam alguns especialistas. “Considerar que tudo é *bullying* é tão nocivo quanto achar que nada é”, avisa o psicólogo José Ernesto Bologna, de São Paulo. (2012)

A frase do psicólogo José Ernesto Bologna define bem o problema que vivemos hoje. O *bullying* é um fenômeno que existe e é sério, ao popularizá-lo ocorre uma desvalorização do seu real significado e aqueles que sofrem com isso, acabam sendo prejudicados. É importante ressaltar que ao criticar o exagero do uso do termo *bullying*, não estou desconsiderando sua existência, mas refletindo sobre a importância de defini-lo adequadamente para não se tornar algo banal e principalmente para não considerar qualquer conflito entre crianças e adolescentes como *bullying*.

No seu livro sobre violência escolar Elias (2011) ressalta a diferença entre conflito e violência, o conflito é próprio da convivência, é inevitável; a violência (no nosso caso o *bullying*) é construída e evitável. Ainda no mesmo livro, Wieviorka (2006) afirma que:

“manifestações de violência podem expressar a subjetividade de uma pessoa que não é reconhecida. Quando há reconhecimento, a manifestação violenta pode acabar se houver formas de regulação do conflito. Isto é, a violência cessa e o conflito se institucionaliza e se abre como processo regulador. Segundo essa visão, os processos que geram violências devem ser transformados em conflitos, isto é, em processos de negociação e regulação social.”

São justamente estes conflitos próprios da convivência, principalmente entre crianças e jovens dentro da escola que precisam ser analisados e acompanhados de perto pelos educadores, para que não sejam transformados em *bullying*, ou pior, não sejam tratados como tal, sem de fato o ser. Alguns conflitos, brincadeiras, desentendimentos entre os alunos fazem parte da convivência escolar e não geram nenhum tipo de trauma ou exclusão, não devem ser considerados como *bullying*, o mesmo é válido quando se trata de episódios isolados até mesmo de violência. A escola não pode ignorar essas ocorrências, mas precisa compreender os problemas e não simplesmente aceitar a denominação de *bullying* dada a qualquer episódio ocorrido.

Segundo Okamoto e Sabiao (2011) “de forma alguma se pode considerar (o *bullying*) normal ou natural, uma vez que produz consequências que perduram, muitas vezes, por toda a vida adulta.” E realmente a

“**informação é fundamental**, quanto mais for falado sobre o tema, mais e mais pessoas conhecerão o fenômeno, saberão das possibilidades de intervenção e, assim, poderão contribuir no combate deste tipo de comportamento que causa tanto malefício para os envolvidos.”

Mas não podemos esquecer que nos dias de hoje os alunos, muitas vezes, vivem cercados por uma proteção em que nada pode acontecer a eles, conflitos são proibidos, assim como frustrações. As relações interpessoais estão sendo superficiais, as pessoas estão sempre rodeadas de processos, perigos, acusações, não permitindo a liberdade da interação social. É preciso respeitar os direitos de todos, não invadir o espaço do outro, mas a vida não precisa ser encarada assim, as relações estão acima do tudo *politicamente correto*.

Por falar nisso o Movimento do Politicamente Correto,

“nasceu na militância política pelos direitos civis, nos Estados Unidos, na década de 70, ele ganhou força nas universidades americanas nos anos 80 e desembarcou no Brasil pouco mais de dez anos depois. Prega que alguns termos sejam banidos do vocabulário para evitar manifestações preconceituosas de gênero, idade, raça, orientação sexual, condição física e social. A mania vem sendo incorporada pela sociedade, mas ferve o sangue de intelectuais, escritores e músicos cuja ferramenta de trabalho é justamente a palavra.” (JORDÃO, 2008)

E a presença desse movimento já é há tempos vista na educação, inclusive dentro das escolas, quando letras de músicas infantis são alteradas, finais de histórias clássicas ou até mesmo na proibição do uso de algumas palavras pelos professores e estudantes.

2.2 – Brincadeiras podem ser mesmo brincadeiras

A forma como os alunos lidam uns com os outros, pode não ser desrespeitosa e muito menos, um caso de *bullying*, apelidos algumas vezes são formas carinhosas e de pertencimento ao grupo e nenhuma das partes se sente lesada, mas sim acolhida. O que atualmente não é permitido nas escolas, as relações entre os alunos está sempre vigiada, controlada pelos adultos, que não permitem brincadeiras. É preciso estar atento, pois há uma linha muito tênue entre a brincadeira e o bullying de fato, mas estar atento não significa coibir qualquer conflito entre os alunos.

“O bullying é muito mais do que o apelido que o seu filho recebe na escola. Se esse apelido ultrapassar a brincadeira, ele pode ser considerado uma ameaça. Quando a criança passa a ser discriminada, humilhada, perseguida por isso, aí é bullying. Se é apenas uma encheção não podemos dizer que é a violência” (MALUF apud NADAI)

Deixar os alunos se relacionarem livremente, com conflitos, frustrações, conquistas e derrotas, faz parte do processo de amadurecimento e é essencial para que se tornem adultos capazes de viver no mundo real. O exagero da interferência acaba aumentando as dificuldades que as crianças têm de se relacionar com os demais.

A linha tênue que separa a violência gratuita da brincadeira inocente, quando colegas lidam com suas diferenças observando-as com humor, sem

agressividade, é determinada pela existência do sofrimento. Lembrando que brincadeira é somente quando as duas partes envolvidas estão se divertindo.

Para o psiquiatra e psicoterapeuta Içami Tiba, autor de “Adolescentes: Quem Ama Educa” (Integrare Editora), se não existe sofrimento, não é bullying. O especialista concorda que o problema tomou proporções exageradas: “Antigamente não era bullying colocar um apelido numa pessoa por causa de uma característica física”. Embora Tiba afirme que o problema atingiu uma intensidade maior, o exagero do diagnóstico costuma ocorrer por constatação dos pais. “Mas é preciso delimitar o bullying muito claramente, para não perdermos a cabeça”, diz.

A doutora em psicologia e pesquisadora inglesa Helene Guldberg, fala em seu livro *Reclaiming Childhood: Freedom and Play in an Age of Fear* (“Reivindicando a infância: liberdade e brincadeira em uma era de medo”) que vivemos em uma época marcada pelo excesso de proteção e de fiscalização das crianças, assim como pela falta de confiança de que as pessoas, de modo geral, sejam capazes de solucionar seus problemas por conta própria. (apud CAMARGO, 2012)

Para Cassorla (1992), a criança adquire capacidade de pensar a partir de uma frustração, de uma falta, de um sentimento, mas alerta para o fato de que essa frustração deva ser suportável para o bebê, ou terá efeito negativo no desenvolvimento.

A falta de limite e a super proteção faz com que as crianças não lidem com a frustração e em consequência disso tenham maiores dificuldades em lidar com seus problemas, e até mesmo de defender-se de agressores, o que pode torná-la um alvo fácil para o *bullying*.

2.3 – Os dois lados da mídia

Joe Garcia diz que o bullying sempre existiu, mas na década de 1970 passou a ser descrito como tal, o que despertou atenção das autoridades e foi importante, mas hoje é preciso ter uma visão crítica em relação aos usos e abusos, limites e possibilidades do conceito (apud CAMARGO, 2012)

Qualquer acidente na escola, hoje é considerado pela mídia como *bullying*. Todo mundo, praticamente em qualquer momento de sua vida escolar, já deve ter sido alvo de piadas ostensivas. Este termo, cunhado neste século,

ganhou super dimensionamento por uma mídia ávida para imprimir uma agenda totalitária e invasiva. (CAVALCANTI, 2012)

O *bullying* está longe de ser retratado da maneira que deveria ser, justamente por ser um assunto extremamente complicado. A internet e a TV têm influenciado e explorado o assunto de tantas formas que o que era um simples problema de criança, começou a se tornar algo terrível. É de fato um problema sério, real. Mas têm transformado pessoas em vítimas, fazendo-as se sentir tão pior do que já se sentiam.

O *bullying* é perigoso, mas mais perigoso e destruidor que ele, é a forma com que ensinam a combatê-lo. Nem todos são vítimas, só têm um fardo pra carregar que os dará mais resistência pra continuar carregando o que a vida sempre terá: desafios.

Não é raro ver episódios de violência nos noticiários e quando envolve a escola de alguma maneira, é sempre relatado como a causa motivacional o *bullying*. Os atiradores norte-americanos que entram em escolas, no cinema, o caso do atirador de Realengo e o acidente (possível suicídio) no Colégio São Bento, no Rio de Janeiro, são alguns dos exemplos de casos noticiados como *bullying*. Tal afirmação pode ser verdadeira, mas não há provas para tal, apenas uma suposição midiática, que vem tratando o tema com grande relevância, como justificativa para atrocidades como essa, sem esclarecer bem no que de fato compreende este fenômeno.

É importante que a mídia relate o *bullying* até para que este seja conhecido e assim possa ser combatido, mas é fundamental refletir sobre o que de fato é o *bullying*, para que este não seja banalizado, nem exagerado. A informação atualmente chega mais facilmente e rapidamente a toda a população.

A televisão e o acesso à internet, inclusive nos celulares, que gravam tudo e transmitem a muitas pessoas na hora, está proporcionando, cada vez mais, a chegada de informação imediata, fazendo os casos de *bullying* estarem mais presentes no que a mídia noticia. Sendo assim é preciso filtrar as notícias e informar a população sobre o fenômeno para que todos saibam o que é, sem distorcer e incluir casos de conflitos normais como *bullying*. A disseminação mais ampla das informações deveria colaborar para melhorar a identificação e o combate ao problema, mas também pode tomar outro rumo.

Os dois lados da mídia são importantes, mas acima de tudo a reflexão e discussão sobre o assunto dentro das escolas é primordial para uma eficácia no combate aos episódios de *bullying*, que de fato acontecem.

3 – Considerações Finais

Certamente o *bullying* não é um fenômeno social recente. No entanto, é possível afirmar que suas manifestações se multiplicam, assim como os atores nelas envolvidos. O novo parece ser a multiplicidade de formas que esta violência vem assumindo, algumas especialmente graves, chegando a configurar o que se pode chamar de uma "cultura da violência", assim como o envolvimento de pessoas cada vez mais jovens em sua teia.

O conceito de autoridade está passando por profundas transformações e esta crise de autoridade, cujas bases estão na relação familiar, vem perpassando o conjunto das relações nas diferentes instituições da sociedade, repercutindo de forma direta na escola. Muitas vezes, ao tentar fugir dos padrões autoritários, a família não consegue estabelecer novos padrões e limites na educação dos filhos ficando um vazio na figura da autoridade, tão fundamental na formação de crianças e adolescentes. Na fase da infância e da adolescência, a ausência de clareza, a desorientação, torna-se um complicador para a formação da autonomia moral. A indefinição da autoridade, das regras de conduta e de convivência, em algumas famílias, acarreta em seus filhos, a perda de referências significativas, complicando seu desenvolvimento e amadurecimento psicológicos.

Em relação à violência praticada no interior da escola, ou seja, o *bullying* que se efetiva na prática cotidiana e no conjunto das relações sociais da vida escolar, deve-se buscar um novo formato na prática pedagógica, em que seja, de fato, construída uma nova cultura, atenta à formação da cidadania, entendida como direito social de todos os sujeitos envolvidos.

Nas questões que permeiam mais diretamente as relações na escola, fica claro que existe uma diferença significativa entre a forma como professores, coordenadores pedagógicos e diretores percebem o *bullying* e a forma como os alunos a vêem.

Para os educadores, a violência se evidencia, de forma mais explícita, na relação entre os alunos. Estes é que são violentos e geralmente os educadores não se percebem, promovendo atitudes de violência para com os alunos. É como se o corpo docente fosse isento de práticas violentas.

A ética deve ser vivenciada por todos os educadores e nos mais variados espaços escolares; do currículo às relações pessoais dentro da escola e das salas de aula.

À luz dessas reflexões entende-se a reciprocidade entre a violência produzida e fomentada tanto em meio escolar quanto em meio social, familiar e midiático, o que torna premente que cada instância tome para si a responsabilidade. Nesse processo não pode haver culpados ou vítimas, mas sujeitos ativos e criativos numa relação dialógica e integrada em unir esforços na busca de caminhos para a construção de uma sociedade mais livre, humana e justa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. **Violência: um retrato em branco e preto**. In: GROSPAUM, Elena et al. (Orgs.). *Violência, um retrato em branco e preto*. São Paulo: FDE, 1994.

AQUINO, J.G. **Confronto na sala de aula: leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Ética na escola: a diferença que faz diferença**. In: _____ (org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998. p. 135-151.

BARRETO, Vicente. **Educação e violência: reflexões preliminares**. São Paulo: Cortez, 1992.

BARROS, Andréia. **Bullying: é preciso levar a sério ao primeiro sinal**. Revista NOVA Escola. João Pessoa, Abril/2008. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento>>. Acesso em 20 nov. 2011.

Brasil. Ministério da Saúde. **Viva: vigilância de violências e acidentes, 2006 e 2007**. Brasília: Ministério da Saúde. 2009. (Série G. Estatística e Informação em Saúde).

BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. **Escritos de Educação**. In: NOGUEIRA; CATANI (Orgs.) *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMARGO, Orson. **Bullying**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 03 dez. 2011.

CAMARGO, Paulo. Nem tudo é *bullying*. Educar para Crescer. **Revista Claudia**. Ago. 2012

- CANDAU, Vera. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- CASSORLA RMS. O início do funcionamento mental segundo a psicanálise: reflexões para psicopedagogos. **Revista de Psicopedagogia** 1992; 11(23), 16-23.
- CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias [online]. 2002, n.8, pp. 432-443. ISSN 1517-4522. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222002000200016>.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Editora Gente, 2008.
- DAHLBERG, Linda L. and KRUG, Etienne G. **Violência: um problema global de saúde pública**. Ciênc. saúde coletiva, 2006, vol.11, p.1163-1178. ISSN 1413-8123
- DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. In: Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, jan/abr, Editora UFPR, 2011. pp. 39-50.
- EIRAS, Cátia Virgínia da Cruz. **Fenômeno *Bullying* no Contexto Escolar**. Psicologia PT. 2011.
- ELIAS, Maria A. **Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema**. São Paulo: Ática Educadores, 2011.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno *bullying*: como prevenir a violência nas escolas. e educar para a paz**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.
- FORMIGA, Nilton Soares e GOUVEIA, Valdiney V.. **Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas**. Psicol. teor. prat. [online]. 2005, vol.7, n.2, pp. 134-170. ISSN 1516-3687.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. História da violência nas prisões**. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JORDÃO, Claudia. A invasão do politicamente correto. **ISTOÉ**, São Paulo, n.2027, 10 set., 2008.

LA TAILLE, Yves de. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 1998.

LOPES NETO, A. A.. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. *J. Pediatr. (Rio J.)*, Nov 2005, vol.81, no.5, p.s164-s172. ISSN 0021-7557

LOPES NETO, A. A., SAAVEDRA, Lucia H. **Diga NÃO para o Bullying! — Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes — Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.**

MALTA, Deborah Carvalho et al. **Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE)**, 2009. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2010, vol.15, suppl.2, pp. 3065-3076. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000800011>.

MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3 a. ed. - São Paulo - Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NADAI, Mariana. Há um exagero da mídia quando o assunto é bullying, diz psicóloga. **Guia do Estudante:** online. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/ha-exagero-midia-quando-assunto-bullying-diz-psicologa-624564.shtml>>. Acesso em 20 mai. 2013.

NÓVOA, Antônio. **Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente**. Teoria e Educação, 1991.

OKAMOTO Cristina Tieme, e SABIAO,Leilah Sant'Ana. **Agora tudo é bullying?** Bullying – Vamos falar sério! , 21 jun. 2011. Disponível em <<http://falandodebullying.blogspot.com.br/2011/06/agora-tudo-e-bullying.html>>. Acesso em 08 jun. 2013.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma Escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

SALLES, Leila Maria Ferreira, SILVA, Joyce M. A. De Paula e, CASTRO, Juan Carlos Revilla, VILLANUEVA, Concepción Fernandez, BILBAO, Roberto Dominguez Bilbao. **A violência no âmbito escolar**. Revista LEVS, No 1. Marília, 2011.

SILVA, Nelson P. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, Valeria Rezende da. **Bullying não é brincadeira**. Campo Grande: Record, 2012.

SINGLY, François. **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SOREL, G. **Reflexões sobre a violência**. Trad. P. Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A Instituição escolar e a violência**. Cadernos de Pesquisa, n.104, p. 58, jul. 1998.

_____. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e Pesquisa, v. 27, n. 1, jan./jun. 2001.

SPOSITO, M. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educ. Pesq.** 2001; 27(1): 87-103.

TEIXEIRA, M. C. S. **Antropologia, cotidiano e educação**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

VILHENA, Junia de e MAIA, Maria Vitória. **Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento antissocial e sua inscrição na cultura contemporânea**. *Rev. Mal-Estar Subj.* [online]. 2002, vol.2, n.2, pp. 27-58. ISSN 1518-6148.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência II**. Brasília: UNESCO, Ministério da Justiça, Instituto Ayrton Senna, 2000.